

**Imagens distorcidas de um espelho:  
Uma leitura autobiográfica de *Sôbolos rios que vão*, de António Lobo Antunes**

Maria Inácio Peixoto Quaresma<sup>1</sup>

**RESUMO:** O trabalho faz uma leitura autobiográfica da obra *Sôbolos rios que vão*, do escritor português Lobo Antunes, a partir de textos teóricos a respeito das escritas de si. É necessário especular a possível vinculação do romance a essas narrativas devido às semelhanças e fatos encontrados no texto que remetem à vida do autor.

Palavras-chave: Autobiografia; Autoficção; Sujeito; Identidade.

**ABSTRACT:** This present study presents an autobiographical reading of the novel *Sôbolos rios que vão*, by the Portuguese writer Lobo Antunes, using as reference theoretical texts about the subject. It is necessary to speculate the possible link of the novel to autobiographical narratives due to the similarities and facts found in the text that refer to the author's life.

Key-words: Autobiography; Autofiction; Subject; Identity.

## **Introdução**

*Sôbolos rios que vão*, título que retoma os primeiros versos de “Babel e Sião”, de Luís de Camões, é o vigésimo segundo romance de António Lobo Antunes. Assim como no poema, o descontentamento com a situação do presente faz com que sejam trazidas à tona as lembranças de um passado saudoso porém inalcançável. Ao contrário do eu-lírico de “Babel e Sião”, que se sente desolado ao relembrar esse passado perdido, o narrador de Lobo Antunes consola-se em suas memórias e acolhe-se nelas para suportar as dores que lhe cercam, provenientes de uma luta fervorosa contra um câncer.

Como poema e romance compartilham a mesma temática geral, a efemeridade da vida que passa despercebida assim como os rios que se vão, a partir da primeira estrofe de Camões

---

<sup>1</sup> Mestranda (Letras) da Universidade Federal de Juiz de Fora.

entende-se o que o romance compreenderá: uma saudade nostálgica do que já foi vivido, saudade de “Sião do tempo passado” (CAMÕES, 1932, p.41), da infância tranquila na vila dos avós, confrontando a agonia da “Babilônia ao mal presente” (ibidem, p.41), dos sofrimentos de um paciente no hospital. O curso do rio também simboliza os caminhos da vida e, ao longo da distância que é percorrida, todos os elementos que se agregam a ele, outros rios que fortalecem seu tamanho, afluentes, memórias, marcas e pessoas, até que, finalmente, alcança um espaço final onde desemboca, e o caminho percorrido é reconstruído através de reflexões a respeito da própria existência.

O eu-lírico de “Babel e Sião” recorre lenta e gradativamente, no decorrer do poema, a uma ajuda espiritual, e “o sofrimento e a solidão são purgados pela via de uma linha de intensa religiosidade, patente na dialéctica entre o terreno e o celeste” (ARNAULT, 2011, p.389). Em oposição a esses “versos de amor Divino” (CAMÕES, 1932, p.47), o narrador antuniano tenta agarrar-se de todas as maneiras ao mundano, mesmo que para isso recorra às memórias do passado, às pessoas e às coisas materiais, pois essas “humanas vivências parecem ser a única forma de purgar a dor e o sofrimento do presente. E, justamente por isso, este é um caminho repleto de (mais) contradições, (mais) dúvidas e (mais) incertezas” (ARNAULT, 2011, p.389).

O que parece aliviar a dor, então, repetimos, não é a crença religiosa mas a memória do mundo sensível do passado. A pacificação é procurada não na verticalidade do divino, mas na horizontalidade do humano outrora criança e agora homem. Se, em Camões, as memórias recuperadas contribuem para o ensombramento do seu mundo interior, em António Lobo Antunes, pelo contrário, elas parecem ser, apesar de algumas notas dissonantes, aquilo que o consola e tranquiliza. Por isso traz a infância para o hospital, refugiando-se nela e no interior da música que nela ouve, como se, desse modo, a morte o não apanhasse (ARNAULT, 2011, p.390).

Assim como Camões, que viveu as amarguras narradas em seu poema, cantando saudades de Sião, da sua pátria distante, quando o autor encontrava-se longe de Portugal, são tangíveis as semelhanças entre o narrador de *Sôbolos rios que vão* e o autor Lobo Antunes, embora este negue o caráter autobiográfico da obra. O mesmo câncer, o mesmo hospital, a mesma cidade, as mesmas datas (a narrativa é contada em forma de diário), além de pessoas e acontecimentos de sua vida expostos anteriormente em diversas entrevistas publicadas. É na

“Crónica do hospital” que Lobo Antunes torna pública a sua doença, relatando seu receio perante a morte e sua fragilidade enquanto homem, temas também amplamente expostos em seu livro:

Se no caso dos versos de Camões tem sido consensual **a identificação simbólica entre o dito e o vivido pelo poeta**, cremos que, nestas páginas, não é também difícil reconhecer a realidade de uma situação que, aliás, constitui o corpo e a alma da “Crónica do hospital”, publicada na revista *Visão* de 12 de Abril de 2007 (ARNAULT, 2011, p.386).

Essas ameaças reais, o cancro e a morte, serviram, incontestavelmente, como propulsores para que fossem re(construídas) as memórias do personagem, ora reais (do que Lobo Antunes se recordava das situações vividas), ora inventadas, como divulgado em suas entrevistas. Essa ameaça material é uma indicação da realidade humana presente em uma obra, que para o escritor Michel Leiris é essencial ao seu valor. Em outras palavras, “daquilo que é para o *torero* o chifre acerado do touro”. E, assim como o toureiro, Lobo Antunes “corre perigo em nome da oportunidade de ser mais brilhante que nunca, e mostra toda qualidade de seu estilo no instante em que é mais ameaçado” (LEIRIS, 2003, p.16-17).

O presente trabalho pretende analisar a problemática de *Sôbolos rios que vão* enquanto obra de cunho autobiográfico, característica que, apesar de recusada pelo autor, não passa despercebida aos leitores mais atentos e conhecedores de sua obra.

## **1. Autobiografia ou romance autobiográfico?**

Uma das características marcantes da maioria dos romances de Lobo Antunes é a presença de certo caráter autobiográfico, o que não é suficiente para caracterizá-los como autobiografias. O autor justifica esse interesse pela escrita de si julgando-a necessária a sua maturidade como escritor: “os primeiros livros que as pessoas escrevem são sempre autobiográficos, ajustes de contas com o que a gente tem para trás, para depois poder começar realmente a escrever” (ANTUNES, 2004b). Seus primeiros romances, *Memória de elefante* (1979), *Os cus de Judas* (1979), *A explicação dos pássaros* (1981) e *Conhecimento do inferno* (1981), apesar de englobarem assuntos que remetem às experiências da vida pessoal do autor,

não são tão polêmicos em relação à questão da autobiografia quanto *Sôbolos rios que vão*, publicado em 2010, após a recuperação do autor da luta contra um câncer.

Certamente a mais autobiográfica de suas obras, *Sôbolos rios que vão* é uma coletânea de registros confessionais que fazem uma reconstrução via memória da infância do personagem que, no ano de 2007, vive momentos de angústia, solidão e medo perante a morte quando levado a um hospital de Lisboa para a retirada de um cancro no intestino. Na forma de um diário ficcional, que relata os acontecimentos desde a internação até a retirada do tumor e a recuperação do protagonista, em um período que abrange nove dias entre 27 de março e 04 de abril daquele ano, um narrador descreve, na terceira pessoa, as fraquezas do corpo doente enquanto relembra uma infância tranquila em uma con(fusão)<sup>2</sup> de duas realidades temporais:

Da janela do hospital em Lisboa não eram as pessoas que entravam nem os automóveis entre as árvores nem uma ambulância que via, era o comboio a seguir aos pinheiros, casas, mais pinheiros e a serra ao fundo com o nevoeiro afastando-a dele, era o pássaro do seu medo sem galho onde poisar a tremer os lábios das asas, o ouriço de um castanheiro dantes à entrada do quintal e hoje no interior de si a que o médico chamava cancro aumentando em silêncio, assim que médico lhe chamou cancro os sinos da igreja começaram o dobre e um cortejo alongou-se na direcção do cemitério [...] sentiu o cheiro das compotas na despensa, vasos em cada degrau da escada e como os vasos intactos não aconteceu fosse o que fosse, por um triz, estendido na maca à saída do exame, não perguntou ao médico (ANTUNES, 2010, p.7).

Apesar de recusar a enunciação autobiográfica, o autor fala de si na terceira pessoa com a mediação de uma narrador: todo sofrimento do personagem denominado “senhor Antunes”, a “miséria de seu corpo no escuro” (ANTUNES, 2010, p.11) de um quarto de hospital, submetido às humilhações da doença, às enfermeiras que lhe trocavam as fraldas e “limpavam-no com um pano e as suas intimidades a baloiçarem inúteis” (ANTUNES, 2010, p. 48), impotente diante de um ouriço que o engolia por dentro, é constantemente confrontado pelas memórias confortantes de “Antoninho”, do ouriço que se recordava em um castanheiro na casa da avó, dos cheiros da época de menino, da ingenuidade da criança. Para Antoninho, a morte estava distante, nada mais era do que a visão de um parente desconhecido em “um retrato sem suspiro a emoldurá-lo”, e “tinha a certeza de não morrer nem se tornar um retrato

---

<sup>2</sup> O termo con(fusão) foi adequadamente usado por Ana Paula Arnault em seu artigo *Sôbolos rios que vão: quando as semelhanças não podem ser coincidências*, publicado em 2011 em Portugal.

que um suspiro emoldura” (ANTUNES, 2011, p.43) e, justamente numa tentativa de distanciar-se da situação em que se encontra, é que senhor Antunes recorre a uma constante presentificação do passado, às lembranças dos lugares onde morou, “porque não estamos no hospital em Lisboa, estamos perto do sítio onde nasce o Mondego, não é março, não chove” (ANTUNES, 2011, p.24).

Através de um entrelaçamento sutil de vozes, a terceira pessoa confunde-se com a primeira pessoa e permite que senhor Antunes faça questionamentos diante da efemeridade da vida e da percepção de sua fragilidade enquanto homem, saltando do presente para o passado em uma sucessão de pensamentos que mesclam a realidade do hospital e os acontecimentos da infância, época em que senhor Antunes é referido como Antoninho. Medo, insegurança, solidão, doença, fraqueza e dor desencadeiam um processo de crise interior e, depois, uma tentativa de reconstrução de sua própria identidade:

[...] um negrume se origem tingiu-o por dentro reduzindo-lhe a vida a cores desarticuladas e formas difusas sumindo-se num ralo no interior de si que não calculava existir, embora não pensasse julgou pensar

- Quem sou eu?

Via caras e não conhecia ninguém, falavam-lhe e não escutava, ocupavam-se dele e não era dele que se ocupavam, o nome que julgava seu de um estranho, o corpo que cuidava pertencer-lhe de outro, não estava ali e de quem as pernas sem força e os braços que não conseguiam um gesto, [...] (ibidem, p.57).

Faltava uma cara e não era a dele dado que a percebia na almofada, não a de dantes pela qual o conheciam na vila, a de hoje pela qual o conheciam na enfermaria e portanto não o Antoninho que perdera, o senhor Antunes que ganhou ali, [...] (ANTUNES, 2010, p.67).

As aflições do personagem senhor Antunes parecem ser as mesmas aflições do autor Lobo Antunes. A preferência pela terceira pessoa ajudou a criar um afastamento entre autor e narrador, para que pudessem ser trabalhados os sentimentos mais dolorosos, a vergonha, o medo, a impotência do corpo, conforme declarou em entrevista a revista *Ler* portuguesa:

Sobretudo vou fazer uma coisa que nunca fiz, vou usar uma **falsa terceira pessoa**, porque a carga emocional era tão forte que eu tinha que me servir de uma saída, de artifícios técnicos para me ser menos penoso escrever. Para não me comover tanto, para não me emocionar tanto, para não sofrer tanto (ANTUNES, 2011, grifo nosso).

E mesmo com toda dificuldade a escrita ainda era uma forma de desabafo, de “busca de uma plenitude vital que não se poderia obter antes de uma *catharsis*, uma liquidação, da qual a atividade literária – e particularmente a literatura dita “confessional” – é um dos mais cômodos instrumentos” (LEIRIS, 2003, p.16).

Em 12 de abril de 2007 Lobo Antunes publica na revista *Visão* de Portugal a “Crônica do hospital”, uma reflexão sobre sua vida pessoal, tornando pública sua doença, os acontecimentos recentes da retirada do tumor, a incompreensão e a surpresa perante a morte. Embora o autor negue a existência de um cunho autobiográfico em *Sôbolos rios que vão*, como declarou em diversas ocasiões: “Não há nada de autobiográfico. Devo ter ido à nascente do Mondego uma vez, e aquilo que vivi não foi assim” (ANTUNES, 2004d), as semelhanças entre o personagem senhor Antunes, incluindo o próprio nome, e o autor são indiscutíveis. Um paralelo entre a obra (*Sôbolo rios que vão*) e a crônica (“Crônica do hospital”) destece alguns fios dessa problemática. São as palavras iniciais do autor na crônica:

Não quero ninguém aqui. Quero ficar sozinho a medir isso, a minha doença, a minha mortalidade, o meu espanto. Por mais que repetisse – Um dia desses não acreditava que o dia destes chegasse. E agora, março de 2007, veio com a brutalidade de uma explosão no peito. [...] Recuperando aos poucos da anestesia vou dando-me conta de que um bicho horrível em mim, ratando, ratando (ANTUNES, 2004a).

E na obra, no capítulo datado 27 de março de 2007:

[...] hoje no interior de si a que o médico chamava cancro aumentando em silêncio [...] (idem, 2010, p.7). sentir-se-ia mais sozinho e com mais medo, que designação esquisita a seu respeito, cancro, que impensável morrer [...] (ANTUNES, 2010, p.9).

E prossegue Lobo Antunes na crônica:

Toda gente foi muito simpática, e sem que eles sonhassem (sonhava eu) o cancro ratando, ratando, injusto, teimoso, cego. Mói e mata. Mata. Mata. Mata. Mata. Levou-me tantas pessoas que mais queria. E eu, já agora, quero-me? Sim. Não. Sim. Não – sim. Por enquanto meço o meu espanto, à medida que nas árvores da cerca uns pardais fazem ninho. A primavera mal começou e eles truca, ninho (2004a).

E na obra:

Da janela do hospital em Lisboa não eram as pessoas que entravam nem os automóveis entre as árvores nem uma ambulância que via, [...], era o pássaro do seu medo sem galho onde pousar [...] (2010, p.7).

[...] o nervoso jogou-lhe uma garra ao coração feito de pavor e lágrimas, difícil de equilibrar em segredo, nem grito apesar de tantos gritos em si [...] passa-se que células podres do intestino a invadirem-no [...] e cômica a morte, troça de ti mesmo, despreza-te [...]

- Ainda não (2010, p.10)

[...] o avô acabado pelo mesmo cancro que ele (p.23).

O fato de António Lobo Antunes não reconhecer *Sôbolos rios que vão* como autobiografia ou mesmo romance autobiográfico é um fator polêmico, uma problemática a ser analisada a seguir. Assinala Philippe Lejeune em *O Pacto Autobiográfico* (2008a, p.22) que a “autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) pressupõe que haja identidade de nome entre o autor, o narrador e a pessoa de quem se fala”, ou seja, existe uma relação diretamente consolidada pelo nome próprio. Ao optar pelos nomes “senhor Antunes” e “Antoninho”, o autor não evita essa relação de identidade, ao contrário, parece querer que o leitor perceba essa aproximação, apesar de negá-la publicamente. O mesmo parece ter acontecido com Cristóvão Tezza em *O filho eterno*, obra publicada em 2007 que relata as experiências de um pai (supostamente o próprio autor) e seu filho Felipe, um menino com Síndrome de Down. Tezza, assim como Lobo Antunes, nega que tenha feito uma obra autobiográfica, apesar de todas as semelhanças. Para Lejeune, “identidade não é semelhança. A identidade é um fato imediatamente perceptível” (2008a, p.35). É fato que o nome do filho de Tezza é o mesmo usado no romance: Felipe. Assim como também é fato que Lobo Antunes tinha o apelido de “Antoninho” quando criança e as pessoas referem-se a ele como “senhor Antunes” atualmente. Enquadrar-se-iam as duas obras, tanto *Sôbolos rios que vão*, quanto *O filho eterno*, dentro do pacto autobiográfico de Lejeune? De acordo com o crítico, “O pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa identidade” (ibidem, p.26), e, quando o nome do personagem é igual ao nome do autor, “esse fato, por si só, exclui a possibilidade de ficção” (ibidem, p.30).

Em uma tentativa de diferenciar a autobiografia do romance autobiográfico, Philippe Lejeune expõe, em *O Pacto Autobiográfico* (2008a, p.28), um quadro que classifica todos os

casos os quais considerava “possíveis” (mais tarde perceberá que as possibilidades eram mais amplas), fazendo uma relação entre nome do personagem e nome do autor e, assim, identificando a natureza do pacto firmado. As casas cegas do quadro de Lejeune, posteriormente discutidas em *O Pacto Autobiográfico (BIS)*, onde revê seus conceitos a respeito da distinção entre autobiografia e romance autobiográfico, serão ocupadas mais tarde, provando a possibilidade de preenchimento das duas casas vazias, mesmo que para Lejeune, em um primeiro momento, isso significasse uma incoerência, como por exemplo, a possibilidade de um pacto romanesco – “prática patente da não-identidade, atestado de ficcionalidade” (LEJEUNE, 2008a, p.27) – existir mesmo quando o nome do personagem fosse igual ao nome do autor. Essa ambiguidade será mencionada mais adiante, quando discutida a questão da *autoficção* e outras produções híbridas.

Ana Paula Arnault, ao analisar *Sôbolos rios que vão* afirma:

Fazendo prova de que a memória é, de facto, intrigante, confundem-se e fundem-se tempos e espaços, cheiros e cores, **verdades e invenções**, mortes e vidas e respirações (das coisas e das pessoas), ele e o(s) outro(s) narrador(ES) que o substitu[i](em) na sua **capacidade de recordar** (2011, p.385).

Do processo de rememoração, Lobo Antunes confirma tanto as verdades, quanto as invenções: “Há um homem, que é o Virgílio, que encantava a minha infância por andar numa carroça com um burro. Não me deixava pegar nas rédeas. Essa parte é verdade, chamava-se mesmo Virgílio. A senhora que toca harpa também existia, fazia-me muita confusão” (ANTUNES, 2004d). Para a mãe do autor, Margarida Lobo Antunes, o processo de leitura torna-se confuso: “Ele serve-se muito da família para escrever... Faz-me confusão como é que ele mistura tudo: uma parte é verdade, outra parte é mentira” (apud ARNAULT, 2011, p.385).

Para Lejeune, “uma prova suplementar de honestidade consiste em restringir a verdade ao possível (a verdade tal qual me parece, levando-se em conta os inevitáveis esquecimentos, erros, deformações involuntárias etc)” (2008a, p.37), o que, no caso de Lobo Antunes, funciona quando transcreve episódios assim como se recordava.

O que mais incomoda em *Sôbolos rios que vão*, porém, não é o compromisso com a verdade nos acontecimentos declarados *reais* pelo autor, mas justamente na inclusão dos



trechos ficcionais, o que levanta a polêmica em torno da possibilidade de ser fazer uma leitura autobiográfica da mesma.

A respeito do pacto que Lejeune denomina *referencial*, em “oposição a todas as formas e ficção” (ibidem, p.36), é afirmado que:

[...] a biografia e a autobiografia são textos referenciais: exatamente como o discurso científico ou histórico, eles se propõem a fornecer informações a respeito de uma “realidade” externa ao texto e a se submeter portanto a uma prova de *verificação*. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro (2008a, p.36).

Lobo Antunes não propôs um pacto referencial, mas permitiu, mesmo que involuntariamente, uma chave de leitura autobiográfica, o que Lejeune denomina *espaço autobiográfico* (ibidem, p.41), já que o leitor não deixa de perceber essa “realidade externa ao texto” e procura a prova de verificação para todas as semelhanças com o verdadeiro encontradas nele. “O leitor é assim convidado a ler os romances não apenas como *ficções* remetendo a uma verdade da “natureza humana”, mas também como *fantasmas* reveladores de um indivíduo”. A esse outro pacto de Lejeune, o *pacto fantasmático*, que funcionaria como uma forma indireta de pacto autobiográfico, enquadrar-se-ia, até a presente discussão, a natureza contraditória de *Sôbolos rios que vão* enquanto autobiografia ou romance autobiográfico.

## **2. Ambiguidade e hibridez: ocupando as casas cegas**

Em uma de suas entrevistas, Lobo Antunes declara que “os grandes sofrimentos, as grandes transformações são sempre interiores. Não se passam por fora, passam-se por dentro. Os grandes cataclismas, os grandes tremores de terra são interiores” (2009). São esses sentimentos da alma apresentados em *Sôbolos rios que vão*, uma nostálgica saudade dos tempos de menino, de uma época tranquila, funcionando como fuga do presente em que se encontra o personagem, doloroso, incompreensível. Apesar do caráter mais íntimo e intimista, quando lido como autobiografia, a obra decepciona os leitores interessados na vida do autor propriamente dita, pois há uma imensa lacuna a ser preenchida, um período que abrange a

adolescência e toda a vida adulta do autor, já que na obra são lembrados alguns acontecimentos da infância do personagem enquanto na cama de um hospital passados mais de 50 anos.

Outro aspecto que incomoda nessa obra de Lobo Antunes é o fato de ter escolhido o diário como meio narrativo, por ser um registro íntimo, pessoal e de caráter confessional, ao mesmo tempo que “permite aceitar a ausência de destinatário [...] e implica a possibilidade do segredo” (LEJEUNE, 2009, p.7). Ao optar pelo diário, Lobo Antunes divide com o leitor seus sentimentos mais íntimos, seus segredos, sublinhando o caráter autobiográfico de seu texto, já que a obra não foi recebida pelos leitores mais atentos como “diário ficcional”, justamente por Antunes ter sofrido, assim como seu protagonista, um câncer no intestino, e por ter permanecido em um hospital de Lisboa durante o mesmo período que é indicado na obra. Além das datas, como já discutido anteriormente, autor e personagem possuem o mesmo nome (senhor Antunes e Antoninho) e algumas pessoas e acontecimentos reais da infância, que já foram citados em inúmeras entrevistas publicadas do autor, são mencionadas na obra. Considerado autobiógrafo por alguns de seus leitores, estaria Lobo Antunes pedindo-lhes algo? Implica Philippe Lejeune:

[...] o autobiógrafo coloca seu leitor em perigo. Ele lhe pede algo: reconhecimento, aprovação, amor. E, ao mesmo tempo, sugere ou propõe algo mais embaraçoso ainda: a reciprocidade. O leitor é forçado a pensar em sua própria vida em termos análogos, mesmo se não tiver vontade de fazê-lo (2002, p.23).

*Sôbolos rios que vão*, por sua ambiguidade e hibridez, cruza as fronteiras das casas do quadro de Lejeune mencionado anteriormente. O próprio autor confessou anos mais tarde em *O Pacto Autobiográfico (BIS)* que pensou na possibilidade de “nem um nem outro”, mas esqueceu a possibilidade “um e outro ao mesmo tempo” (2008b, p.58), exemplificando a obra *Fils*, de Serge Doubrovsky, que em 1977 veio ocupar uma das casas vazias, assinando um pacto romanesco e emprestando seu nome ao personagem principal, possibilidade até então incoerente, segundo os fundamentos de *O Pacto Autobiográfico*. A partir desse episódio, em que Doubrovsky atravessa as fronteiras segregadas do quadro de Lejeune, outra proposta

surge para ampliar a discussão em torno desse “gênero” muito discutido das escritas de si: a *autoficção*<sup>3</sup>.

A autobiografia, segundo Lejeune, exige o “compromisso do autor com o leitor em dizer a verdade sobre si mesmo”, sendo “completamente diferente do compromisso que se tem na ficção – que é antes um *descompromisso*, a instauração de um jogo, de um distanciamento” (2002, p.22). Esse distanciamento, como citado por Lobo Antunes, foi apoderado através da criação do que o próprio autor chamou de “falsa terceira pessoa”, que possibilitou esse não-compromisso com a fidelidade das experiências vividas por ele. A contradição da posição de Lobo Antunes recai justamente na escolha do termo “falsa”, pois declarando falso seu narrador e diante de todos os aspectos autobiográficos da obra, ele cria a impressão de que por trás da personagem (e do narrador) está escondido o autor, que não considerou o uso da primeira pessoa justamente para não lhe ser doloroso o trabalho da escrita.

Aquilo que o leitor recebe com intensidade e que usa na construção da sua identidade narrativa parece-lhe não poder vir senão do eu profundo do autor. O intenso parece ser “verdadeiro”, e o verdadeiro não poderia ser senão autobiográfico (LEJEUNE, 2003, p.43).

Essa impressão de que a fala é antes de Lobo Antunes do que do narrador é intensificada quando (con)fundem-se as duas vozes (a terceira e a primeira pessoa) e as duas realidades temporais:

Ao contrário do que sucede numa prática canônica do subgênero em causa [referindo-se ao diário], em que a enunciação cabe a um narrador autodiegético, no romance de António Lobo Antunes cumpre registrar e destacar o entrelaçamento subtil das vozes de um narrador de 1ª pessoa e de um narrador de 3ª pessoa, potestade onisciente que controla a maior parte dos relatos e que lemos como **máscara-disfarce** do primeiro e não como instância narrativa independente (ARNAUT, 2011, p.386).

---

<sup>3</sup> Em relação à autoria da palavra “autoficção”, explica Serge Doubrovsky que um de seus primos, Marc Weitzman, declarou que ele não inventara o termo “autoficção”, atribuindo a paternidade dele a Jerzy Kosinski em seu livro *The painted bird* (1965), mas que esse autor havia empregado o termo “não ficção”. Somente em 1986 é que, pela primeira vez, Kosinski utiliza “autoficção”, fazendo com que Doubrovsky questionasse a autoria do termo, que considera sua (DOUBROVSKY, 2007, p.56).

No trecho a seguir, o personagem senhor Antunes relembra dois episódios da infância e faz um entrelaçamento com sua situação presente. Deitado na cama do hospital, a receber o médico que o livrará do tumor e ao mesmo tempo a lidar com o seu medo perante a morte e com a doença que o ameaça, o paciente relembra dois episódios da infância. A imagem de um boi morto, com os tornozelos decepados por uma enxada para que seu corpo coubesse em uma cova, carregou consigo ao longo da vida e simbolizava a morte. Assim como a imagem dos cães que caçavam impiedosamente suas presas na vila em que morava, famintos, simbolizando o cancro que o comia por dentro, caçando-o, perseguindo-o, ameaçando-o:

cachorros sem dono a espiarem-no côncavos de fome ou de nariz rente à caruma farejando coelhos, de certeza que trotam no hospital procurando-o, isto no corredor não são enfermeiros, são eles, o modo de respirar, uma pausa pingando saliva, na semana que vem disse o médico com um pingo no sapato diminuindo-lhe a competência conversamos com mais dados, o sancho desfez-me os tornozelos [...] e o pingo no sapato designando não se entendia o quê numa radiografia

- Não me agrada esta vértebra

de modo que podem quebrar os tornozelos ao boi, enganei-me, não dispare sobre os cachorros avô, dispare sobre mim, a baba deles, a fome, nem um grito apesar de tantos gritos, cada gesto que não fazia gritava, cada movimento da cabeça na almofada gritava, cada centímetro de pele gritava, que difícil esconder esse medo [...] (ANTUNES, 2010, p.14-15).

Distanciar-se do personagem facilitaria a abordagem do assunto, o que o faz adotar, mesmo que involuntariamente, o caráter autobiográfico da obra: dentro de um espaço ficcional, não seria esse mesmo narrador genuíno justamente por Lobo Antunes não considerar a obra autobiográfica? Não sendo o narrador, nem o personagem reflexos do próprio autor, porque escolher distanciar-se dos mesmos? Talvez porque a obra seja ao mesmo tempo autobiográfica e ficcional, e é dentro desse quadro ambíguo e contraditório que será analisada a questão da autoficção.

Para o crítico e escritor francês Serge Doubrovsky, a autoficção é uma reinvenção de si, “uma ficção de fatos e acontecimentos estritamente reais”, frase utilizada na quarta capa de *Fils* (2007, p.56). É justamente pelo caráter contraditório que a autoficção, termo considerado “vago” por Philippe Lejeune (2002, p.22), oscila entre dois pólos diferentes e complexos, inclusive quanto à definição: o da autobiografia e o da ficção.

O senhor Antunes, em uma tentativa de se afirmar como sujeito, de se fazer novamente, relembra o passado, misturando tudo no baú da memória, e a história é contada de tal maneira que o próprio leitor se confunde com a narrativa frenética, capaz de provocar uma agitação similar ao desconforto interior do protagonista: “cada porção sua, uma linguagem diferente e todas incompreensíveis para ele, o facto de ser muitos espantava-o, como se junta tanto frenesim num só corpo e como conseguem habitar um espaço tão pequeno” (ANTUNES, 2010, p. 73).

Nessa confusão de vozes, tempos e espaços, “não estava no hospital em março, estava em agosto na vila” (ANTUNES, 2010, p.8), e a carroça de seu Virgílio era na verdade a maca que atravessava a enfermaria, as empregadas do hotel onde seu pai costumava jogar tênis eram as enfermeiras de “blusas verdes” que “mudaram-no para a cama da infância”, e via de seu quarto do hospital a cozinha da casa de seus avós, onde a cozinheira escolhia uma galinha para o almoço, escutava a música da harpa de Dona Irene, amiga de seu avô, abafada pelos “aparelhos, radiografias e instrumentos cromados”: “porque não estamos no hospital em Lisboa, estamos perto do sítio onde nasce o Mondego” (ANTUNES, 2010, p.24). E “diante da inércia que seu corpo o impõe, seu pensamento vagueia para sítios onde de fato havia vida. Em síntese, no presente do senhor Antunes a única coisa que se tem são fundamentalmente questionamentos. Perguntas como “Quem sou?” e “Como me tornei aquilo que sou?” fazem parte de uma tentativa frustrada de reconstruir uma identidade plena” (FUKS, 2011, p.257).

As incertezas que circundam a autoficção, as divergências de ideias entre os teóricos que se interessaram tanto em defini-la quanto em defendê-la enquanto gênero literário, são as mesmas presentes nessa obra de Lobo Antunes, que por sua vez, torna-se mais interessante justamente por seu caráter polêmico e contraditório. Da reflexão sobre a classificação de *Sôbolos rios que vão* quanto ao gênero são muitas as possibilidades e implicações. As certezas, da existência tanto de elementos factuais quanto ficcionais e da homonímia do autor e do narrador, são justamente os fatores que impossibilitam a sua categorização e confirmam a sua hibridez.

## Referências

ANTUNES, António Lobo. *Crónica do hospital*. António Lobo Antunes na rede blog. [Lisboa] Set.2004a. Disponível em: <<http://alawebpage.blogspot.com.br/2007/04/cronica-do-hospital.html>>. Acesso em: 04 agosto 2012.

\_\_\_\_\_. *Entrevista de Ricardo Araújo Pereira a António Lobo Antunes*. Per Vero blog. [Castelo Branco] 04 novembro 2011. Disponível em: <http://rita-pervero.blogspot.com.br/2010/11/entrevista-de-ricardo-araujo-pereira.html>. Acesso em: 06 agosto 2012. Entrevista concedida a Ricardo Araújo Pereira.

\_\_\_\_\_. *Entrevista com Lobo Antunes*. Saraiva conteúdo. Rio de Janeiro, 21 julho 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Wg7g86TGOGk>>. Acesso em: 08 agosto 2012.

\_\_\_\_\_. “Fui cobarde tempo demais”. *Diário de notícias*, Lisboa, 30 setembro 2007. Artes, p.1-16. Disponível em: <<http://www.dn.pt/Inicio/interior.aspx?contentid=985932&page=-1>>. Acesso em: 06 agosto 2012.

\_\_\_\_\_. *O regresso das caravelas*. António Lobo Antunes na rede blog. [Lisboa] Setembro.2004b. Disponível em: <<http://alawebpage.blogspot.com.br/2004/09/o-regresso-das-caravelas.html>>. Acesso em: 04 agosto 2012. Entrevista concedida a Inês Pedrosa.

\_\_\_\_\_. *Sôbolos rios que vão*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

\_\_\_\_\_. *Tenho a certeza de que serei lido para sempre*. António Lobo Antunes na rede blog. [Lisboa] Setembro.2004d. Disponível em: <<http://alawebpage.blogspot.com.br/2010/10/tenho-certeza-de-que-serei-lido-para.html>>. Acesso em: 03 agosto 2012. Entrevista concedida a Ana Soromento e José Mário Silva.

ARNAUT, Ana Paula. “Sôbolos rios que vão de António Lobo Antunes: quando as semelhanças não podem ser coincidências”. In: MARTINS, José Cândido; SILVA, João Amadeu (org). *Pensar a Literatura no Séc. XXI*. Braga: Faculdade de Filosofia/Universidade Católica Portuguesa, 2011, p.385-394.

- CAMÕES, Luís de. “Babel e Sião”. In: RODRIGUES, José Maria; VIEIRA, Afonso Lopes (org). *Lírica de Camões*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1932, p.41-50.
- DOUBROVSKY, Serge. “Os pingos nos ii”. In: JEANNEELLE, Jean-Louis; VIOLET, Catherine (org). *Genèse et autofiction*. Louvain-la-Neuve: Academia Bruylant, 2007, p.53-68.
- FUKS, Rebeca Leite. “A representação da memória da infância em *Sôbolos rios que vão*, de António Lobo Antunes”. In: FEITOSA, Márcia; LIMA, Renata (org). *Anais do XXIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP)*. Setembro, 2011 Disponível em: <[http://www.abraplip.org/anais\\_abraplip/images/stories/sessoes/Rebeca%20Fuks.pdf](http://www.abraplip.org/anais_abraplip/images/stories/sessoes/Rebeca%20Fuks.pdf)>. Acesso em: 10 julho 2012.
- JEANNEELLE, Jean-Louis. “A quantas anda a reflexão sobre a autoficção?”. In: JEANNEELLE, Jean-Louis; VIOLET, Catherine (org). *Gênese et autofiction*. Louvain-la-Neuve: Academia Bruylant, 2007.
- LEIRIS, Michael. “Da Literatura como Tauromaquia”. In: LERIS, Michael. *A idade viril*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.1-14.
- LEJEUNE, Philippe. “Definir Autobiografia”. Tradução de Paula Morão. In: MORÃO, Paula. *Autobiografia. Auto-representação*. Lisboa: Colibri, 2003, p.37-54.
- LEJEUNE, Philippe. *Entrevista com Philippe Lejeune*. IPOTESI, revista de estudos literários, Juiz de Fora, v.6, n.2, p. 21-30. 2002. Entrevista concedida a Jovita Maria Gerheim Noronha.
- \_\_\_\_\_. “O Pacto Autobiográfico”. In: NORONHA, J.M.G. (org). *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008a, p.14-47.
- \_\_\_\_\_. “O Pacto Autobiográfico (Bis)”. In: NORONHA, J.M.G. (org). *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008b, p.48-69.
- LEJEUNE, Philippe; VILAIN, Philippe. “Eu contra eu”. In: VILAIN, Philippe. *L’Autofiction em Théorie*. Paris: Les Éditions de la Transparence, 2009, p.105-118.

LUCENA, Eleonora de. “Catador de memória”. *Folha de São Paulo online*, São Paulo, 19 julho 2012. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/55224-catador-de-memoria.shtml>>. Acesso em: 06 agosto 2012.

SEIXO, Maria Alzira. *Os rios de Lobo Antunes*. António Lobo Antunes na rede blog. [Lisboa] Set.2004. Disponível em: <<http://alawebpage.blogspot.com.br/2010/09/maria-alzira-seixo-critica-sobolos-rios.html>>. Acesso em: 08 agosto 2012.